

Investigações sobre *tipo territoriale* e *morphogenetic regions*: suas limitações e abrangências

Staël de Alvarenga Pereira Costa^a , Maria Cristina Villefort Teixeira^b , Marina Salgado^c , Maria Manoela Gimmler Netto^d , Elieth Amélia de Sousa^e  e Vivian Polyana de Andrade Rezende^f 

^a Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Urbanismo, Belo Horizonte, MG, Brasil.
Email: staelalvarenga@gmail.com

^b Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Projetos, Belo Horizonte, MG, Brasil. Email:
mcrisvt@gmail.com

^c Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Urbanismo, Belo Horizonte, MG, Brasil.
Email: ms.marinasalgado@gmail.com

^d Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, Belo Horizonte, MG, Brasil. Email: manoelagnetto@gmail.com

^e Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, Belo Horizonte, MG, Brasil. Email: eliethameli@gmail.com

^f Universidade Federal de Minas Gerais, Laboratório da Paisagem/ EAUFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil. Email: vivian.rezende@yahoo.com.br

Submetido em 20 de julho de 2019¹. Aceito em 18 de dezembro de 2019.

Resumo. *Este artigo apresenta os resultados aferidos no desenvolvimento da pesquisa intitulada Territórios e Fronteiras: os conceitos inconclusos nas escolas de Morfologia Urbana, realizada no Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A pesquisa surgiu da constatação de que as abordagens da Escola Inglesa de Morfologia Urbana, em relação às regiões morfogenéticas (morphogenetic regions) e suas escalas de ação, resultaram em publicações reduzidas sobre estudos e aplicações práticas. Além disso, aspectos relacionados aos tipos e tipos territoriais (Tipo e tipo territoriale), todos integrantes dos conceitos da escola italiana, têm sido objeto de diferentes interpretações em vários estudos brasileiros em contravenção àqueles preconizados pelos seus fundadores. A pesquisa, realizada por meio de um grupo de estudos, busca avaliar a causa dessa fragilidade e das lacunas nos conceitos, para que essas abordagens europeias possam ser consolidadas e melhor aplicadas ao contexto brasileiro. Além disso, a pesquisa tem como objetivo apresentar comparações entre as regiões morfogenéticas (morphogenetic regions), derivadas da escola inglesa e os tipos territoriais (tipo territoriale) extraídos da abordagem italiana. Finalmente, o objetivo principal é encontrar um denominador comum que possa ser aplicado às escalas da paisagem e fornecer o know-how para analisar e sintetizar os atributos das duas escolas.*

Palavras-chave. *pesquisa, conceitos inconclusos, escolas de morfologia urbana, laboratório da paisagem.*

Introdução

O motivo propulsor desta pesquisa reside na dificuldade da aplicação de conceitos das escolas tradicionais de morfologia urbana, tanto no ensino quanto na prática. Conceitos gerados pela Escola Italiana, como tipo e tipo territorial (*Tipo e tipo territoriale*) permitem diferentes interpretações e provocam divergências para o estabelecimento de uma ideia comum e concreta. Situação semelhante se dá com os conceitos da Escola Inglesa ao apresentar as regiões morfogenéticas (*morphogenetic regions*) e os limites entre suas escalas de ação central. Além disso, observa-se uma tendência dos alunos de cursos de pós-graduação em expandir as abordagens morfológicas para territórios mais amplos. Assim, há uma necessidade contemporânea de incorporar os conceitos de unidades de paisagem, disseminadas no campo da ecologia e da geografia numa investigação morfológica no cenário brasileiro. Os resultados desta fusão entre conceitos morfológicos e ecológicos podem ser utilmente incorporados em estudos desenvolvidos por equipes interdisciplinares que participam de programas de mestrado e doutorado, em especial o Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (PACPS) da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Os estudos que manifestam esta tendência estão relacionados aos temas do Planejamento Urbano e sustentabilidade da paisagem, tanto em seus aspectos teóricos e práticos.

Há a constatação de que as abordagens da Escola Inglesa de Morfologia Urbana referentes à região e à escala morfogenética e da Escola Italiana sobre tipo e tipo territorial (*Tipo e tipo territoriale*) têm suscitado estudos contemporâneos e aplicações que abordam as lacunas dentro dos conceitos. Para uma equipe de laboratório de pesquisa que tem como um de seus principais objetos o estudo da Morfologia Urbana e sua aplicação no contexto brasileiro, a discussão e aprofundamento do tema são considerados cruciais. Ao mesmo tempo, a aplicabilidade desses conceitos deveria convergir para pontos que permitissem compatibilidade nas suas interpretações.

Estes conceitos definidos por Whitehand em Oliveira (2017) como *unfinished business* suscitam a questão de que as ideias não

foram totalmente exploradas e desenvolvidas pelos pesquisadores. Essas possíveis lacunas podem ser explicadas, talvez, pelo falecimento de um dos fundadores, Muratori, como também pela complexidade de interpretação de suas ideias, ou pelo fato dos estudos de Conzen, só recentemente terem sido redescobertos. Tomando estes postos-chaves em consideração, o próximo passo seria adquirir noções sólidas para entender as ideias ocultas e possíveis abordagens a serem usadas em estudos de caso e outras aplicações possíveis. A ação mais viável foi tentar entender essas ideias pela observância da sua aplicação em exemplos apresentados em estudos anteriores, o principal objeto da metodologia escolhida. O objetivo final é divulgar os resultados nos cursos de graduação e pós-graduação e, assim, contribuir para o aprimoramento da política de planejamento e gestão das cidades brasileiras.

Metodologia

A metodologia utilizou principalmente fontes primárias, todas relacionadas à literatura associada e desenvolvida pelos fundadores das escolas de morfologia urbana e seus seguidores. Isto incluiu levantamento de várias fontes bibliográficas que permitiram melhor compreensão dos conceitos. Esta primeira fase foi seguida de um exercício prático, que teve como objetivo aplicar os conceitos e ideias a contextos reais, como a cidade colonial de Tiradentes, localizada no estado de Minas Gerais.

Para evitar interpretações isoladas e desarticuladas sobre os conceitos, as professoras do Laboratório de Paisagem empreenderam estratégias para o desenvolvimento da pesquisa. Um curso semanal de 45 horas foi criado com o intuito de discutir a literatura essencial sobre o assunto, para professores, alunos de graduação e pós-graduação. Os textos eram enviados antecipadamente aos participantes para que todos pudessem ler e dirimir dúvidas durante as diferentes interpretações na aula. Essa estratégia tem sido usada no Laboratório como modo de consolidar ideias e abordagens ao longo de vários anos. Em primeiro lugar, há uma sessão de leitura sobre um assunto do curso, seguida por discussão que busca condensar os conceitos em uma ferramenta chamada *Conceptual map* - Cmap. Este instrumental consiste na

formação de diagramas que exemplificam a síntese do objeto pesquisado. Além disso, estudantes de pós-graduação estão investigando um tipo territorial (*tipo territoriale*) que possa reunir todos os recursos a serem usados no modelo para analisar paisagens contemporâneas nas fronteiras da cidade.

Alguns textos sobre morfologia urbana que contemplam toda a metodologia foram utilizados antecipadamente para orientar os alunos de graduação que nunca tiveram contato com o assunto, tornando possível a familiarização com os principais conceitos.

Em termos da Morfologia Urbana Italiana, o primeiro texto analisado foi *Saverio Muratori and the Italian school of planning typology* (Cataldi, Maffei e Vaccaro, 2002), porque proporciona uma concepção geral da prática e do ensino do fundador da Escola Italiana de Morfologia Urbana. A discussão sobre o tipo e a dificuldade de usar o termo corretamente foram abordadas nos textos Pereira (2012), Panerai (1988) e Scheer (2015). Após alcançar a compreensão da complexidade em definir tipos, o próximo assunto se relacionava aos tipos territoriais.

O organismo territorial como forma individual de estabelecer conexões típicas entre rotas, o assentamento produtivo e organismo urbano (Caniggia e Maffei, 2001) já havia sido objeto de estudos no Laboratório em que as interpretações foram utilizadas em várias dissertações de mestrado. A próxima etapa foi projetada para investigar estudos recentes e livros de professores e estudantes italianos que abordaram conceitos inacabados em geografia. Em particular, o tema tem sido objeto da análise de Marzot (2015), na qual ele cita os trabalhos de Giannini (1984), Cataldi (2003) e Lombardini (2017). Para esses autores, os estudos aplicados à geografia apropriam das observações feitas por Muratori em 1967 e incorporam seus desenhos e esboços, os quais encapsulam os aspectos relacionados às características da paisagem. Giannini, aluno de Muratori, utilizou esses desenhos para apresentar uma teoria inicial relacionada às características geográficas das paisagens e aplicou-as em estudos feitos na África, China e Itália (1984).

Finalmente, uma tese de doutorado, desenvolvida por Tagliazucchi em 2013, foi

o último trabalho sobre tipo territorial (*tipo territoriale*) examinado no curso. No cômputo geral, concluiu-se que os estudos elaborados por Cataldi e Giannini desenvolvem interpretação própria e particular sobre os tipos territoriais. No entanto, o que tais estudos demonstram claramente é que constituem interpretações sobre ideias elaboradas há cinquenta anos atrás. Este fato, para nós, não evidencia prova convincente do que Muratori realmente tinha em mente e deixa os morfologistas urbanos livres para especular sobre conceitos. Além disso, como essas referências foram escritas em italiano, somadas à complexidade de suas ideias, nem sempre foi fácil entender completamente o conceito e considerar se ele poderia ser aplicado em uma tese de doutorado, por exemplo, como um método que incorpora o uso do tipo territorial (*tipo territoriale*).

Em contraste, em relação aos conceitos inconclusos da Escola Inglesa de Morfologia Urbana, verifica-se que o seu fundador não desenvolveu conceitos que geram lacunas e possíveis ambiguidades quando se referem às regiões morfológicas ou morfogenéticas. Whitehand, ao se referir a estes em entrevista a Oliveira (2017), comentou que Conzen explorou os estudos em diversas escalas. Os estudos mais relevantes incluíram os de Ludlow, Alnwick e Newcastle Upon Tyne que formaram a base da discussão de classe junto com Whitehand (2009), Oliveira (2017) e Gu (2019).

Esta primeira fase foi seguida de um exercício prático durante as aulas, que teve como objetivo a aplicação dos conceitos e ideias em contextos reais, como a cidade colonial de Tiradentes, localizada no estado de Minas Gerais. Isso nos permitiu testar, comparar e analisar os preceitos em relação aos aspectos pesquisados em um sítio urbano, utilizando as cartas cadastrais existentes. A etapa seguinte vai testar os conceitos *in loco* na cidade acima mencionada.

Os conceitos inconclusos da Escola Italiana de Morfologia Urbana

Estudos realizados pela escola italiana demonstram que o conceito de tipo pode ser estendido para tipo territorial (*tipo territoriale*) em escala ampliada. Contudo, a incompletude dos estudos pode ser justificada pela morte precoce de Muratori,

assim como em função da complexidade de suas ideias.

No livro *Architectural composition and building typology: Interpreting Basic Building*, Caniggia e Maffei (2001) explicam o *territorial type* básico, considerando-o como uma porção do território ocupado e apropriado para algum tipo de atividade. Ele representa, portanto, a conquista do sítio e o estabelecimento de atividade produtiva, como uma fazenda ou pasto. Segundo esses autores, o tipo territorial básico (*tipo territoriale*) não se limita, no entanto, à sua mera área produtiva, mas está relacionado à estrutura total dotada de vias de acesso e moradias correlatas, ambas fisicamente associadas aos principais edifícios agrícolas.

O glossário contido no mesmo livro define o tipo territorial (*tipo territoriale*) como um projeto hipotético, territorial e cultural compartilhado por seus habitantes, manifestando definições claramente estabelecidas de espaço e tempo.

Como se pode observar, são conceitos incipientes que podem gerar interpretações diferenciadas, devido ao restrito desenvolvimento do tema. Para Gauthier (2005), isso é uma consequência do paradigma tipológico, que, por si só, leva a ambiguidades. Ele cita, em particular, a ampla definição proposta pela escola italiana: o tipo. Para este autor, o conceito representa a instância cognitiva que faz a interpretação relacional entre o sujeito e o objeto na formação do ambiente construído. Ele acredita que, embora o tipo possa ser visto como um objeto que condensa as regras que o estabeleceram, este também manifesta a cultura e o grupo social que o mantém e o transforma. Significativamente, esse fator característico pode explicar as várias interpretações ambíguas que posteriormente seguiram a análise de Gauthier (2005).

Em relação à ação antrópica, o tipo territorial (*tipo territoriale*) engloba o lugar em que os seres humanos se reconhecem espontaneamente, em termos de viver, circular, habitar, produzir, socializar e realizar negócios. O desenho hipotético de um território convencionalmente compartilhado por seus habitantes tem definições de espaço e tempo claramente estabelecidas. Este projeto integra uma forma específica de percorrer, ocupar e cultivar o território e, finalmente, de organizá-lo como

um sistema hierárquico de polos em torno dos mercados em que os produtos são comercializados (Pereira Costa, Gimmler Netto e Safe, 2018).

Do ponto de vista ambiental, a posição geográfica define o território em escala global, por suas zonas climáticas e características de formação geológica. No entanto, é em escala local que se podem observar as especificidades dos territórios. Nesse sentido, a geomorfologia assume um papel fundamental, uma vez que se concentra nas formas resultantes do relevo, isto é, na expressão espacial da superfície e sua aparência visível. Os aspectos geomorfológicos definem a topografia, os sistemas de drenagem, as bacias hidrográficas, a localização dos cursos d'água e os tipos de solo que caracterizam uma determinada paisagem (Pereira Costa, Gimmler Netto e Safe, 2018).

Além disso, os seres humanos, utilizando sua consciência espontânea, são capazes de reconhecer as dimensões favoráveis que lhes permitem definir uma unidade ideal para o estabelecimento de suas atividades. Esta unidade é estruturada por adaptações que, ao longo do tempo, permitem que os habitantes vivenciem e se reconheçam como parte desse território (Pereira Costa, Gimmler Netto e Safe, 2018).

Essa discussão sobre os tipos é de particular importância para seu uso nas pesquisas em andamento no Laboratório da Paisagem, que discutem a utilização de tipos básicos como estratégia para fomentar a resiliência dos moradores de um subdistrito destruído após o rompimento de uma barragem de rejeitos no estado de Minas Gerais. Estes estudos destinam-se a contribuir para as recomendações do Ministério Público de Minas Gerais de que os modelos para um novo subdistrito devam resgatar os aspectos socioculturais da paisagem dizimada. A recomendação incluiu a escolha de um novo local a ser discutido e acordado com os antigos residentes. Outros fatores importantes a serem considerados foram que as casas vizinhas recém-construídas devem replicar os arranjos anteriores e as relações socioculturais e de vizinhança (Teixeira, Pereira, Medeiros e Ferraz, 2018).

De fato, durante o desenvolvimento deste projeto de pesquisa, tornou-se evidente que uma única casa não representaria as

necessidades sociais e territoriais dos antigos residentes, pois o tipo não poderia estar contido dentro de quatro paredes: ele deveria incluir também áreas a serem ocupadas para a criação de animais e cultivo de alimentos. Levantam-se hipóteses de que o caminho escolhido pelos moradores para ir pescar também poderia ser visto como constituinte de um tipo de habitação básica, o que corrobora com a necessidade de se ampliar a escala de abordagem para o tipo territorial (*tipo territoriale*). Como tal, era impossível propor um novo ambiente quando as características tradicionais não fossem levadas em consideração, destacando a importância dos aspectos socioculturais no subdistrito em questão.

Os conceitos inconclusos da Escola Inglesa de Morfologia Urbana

Interpretando o trabalho realizado por Conzen (2004) nas cidades de Ludlow, Alnwick e Newcastle Upon Tyne, o que chama a atenção são as meticolosas descrições e análises de um mosaico que revela uma paisagem composta de numerosas ruas e edifícios dispostos em torno do sítio, organizados para executar uma determinada função de acordo com um plano anterior. A identificação e as análises destes elementos são ricas em detalhes e, embora o autor não explique exatamente como selecionar e classificar em unidades de planejamento e ordens geográficas, ele apresenta exemplos. Ao examinar os selecionados, é possível interpretá-los e utilizá-los como conceitos.

No entanto, em relação às regiões morfogenéticas (*morphogenetic regions*), unidades planejadas e ordem geográfica, o autor usa exemplos em vez de oferecer explicações. É muito diferente da apresentação dos conceitos tripartite, dos lotes burgueses ou dos *fringe belts*, que permitem um conceito comum. Neste caso, há a possibilidade de interpretação individual que pode induzir afirmações e conclusões incorretas.

Whitehand (2009), Baker e Slater (1992) e Gu (2019) referem-se a esta situação, na qual uma série de termos pode demonstrar a fragilidade dos conceitos (no caso da Escola Inglesa) ou a dificuldade em compreender as abordagens (no caso da Escola Italiana).

Uma das deficiências está relacionada ao fato de que os conceitos, até recentemente, ainda

não foram condensados em um único termo. Como Gu (2019) observa, eles são complexos e a clarificação não tem contribuído pela variedade da terminologia morfológica. Ele identifica o uso de vários termos, tais como regiões morfológicas urbanas que também podem ser definidas como 'regiões de paisagem urbana', 'paisagem urbana', 'unidades de paisagem urbana', 'unidades morfológicas' e 'áreas de caráter', concluindo que o problema merece maior sistematização.

Whitehand (2009) também identifica ausência de coordenação entre disciplinas e relata que tanto a pesquisa quanto a prática tendem a ser lentas na integração das diferentes vertentes disciplinares, desde a análise das ideias morfológicas urbanas das unidades e regiões do plano ao conceito tipológico arquitetônico de tecido. Ele considera que as unidades de planejamento e as regiões morfológicas são principalmente explicativas e apenas secundariamente uma ferramenta de planejamento.

Para Baker e Slater (1992), o termo regiões morfogenéticas (*morphogenetic regions*), tem sua origem no trabalho de M R G Conzen, quando ele desenvolve estudos na cidade Newcastle Upon Tyne no ano de 1962. Este trabalho, cita o autor, contém mapas extremamente detalhados, porém concentram-se na evolução morfológica dos planos urbanos locais, tomando em consideração os períodos pré-modernista, industrial e o século XX. O autor comenta que os mapas não apresentam explicação para se identificar uma região morfogenética como também não contemplam os períodos medievais.

No livro tradicional escrito por Conzen em 1960, no capítulo sobre a estrutura geográfica do plano urbano de Alnwick, as divisões de planejamento apresentadas na página 119 corroboram a impressão de que o autor ainda não havia consolidado o conceito. Para Whitehand, este termo surge nos capítulos 3 e 4 do livro *The urban landscape: historical development and Management. Papers by M. R. G. Conzen*, publicado em 1981, sendo proposto o seu reconhecimento para ser aplicado numa teoria para o gerenciamento de uma paisagem urbana. Para Conzen, a paisagem urbana compreende não somente os estudos e as aspirações das pessoas que a utilizam no presente, mas também dos seus predecessores condicionados pela história e

pelo tempo. Nos artigos posteriormente publicados observam menções que detalham procedimentos para uma análise das regiões morfogenéticas (*morphogenetic regions*).

E o glossário anexado no livro *Thinking about Urban Form* (Conzen, 2004) apresenta não só definições, como também suas características e seus princípios. Assim, entende-se como regiões morfogenéticas (*morphogenetic regions*), as unidades homogêneas de formas urbanas compostas por conjuntos com padrões semelhantes de lotes, ocupação, uso e tipos edifícios. As unidades semelhantes são definidas em função da origem temporal de sua formação, que configura um conjunto unitário morfologicamente. E não definido por limites topográficos ou administrativos. Desta forma, variam de dimensão em diferentes ordens geográficas estabelecidas conforme a necessidade de observação dos elementos constituintes em múltiplas escalas. E podem ser caracterizadas como morfotipos² (quando constituídos por unidades peculiares mínimas) ou por grandes conjuntos homogêneos, podendo ser bairros ou centros históricos ou hipercentros.

Constata-se, portanto, que o conceito surge a partir dos anos de 1962 e que vai se amalgamando em textos, definições e estabelecimento de princípios, sem, entretanto, apresentar exemplos da sua aplicação, o que talvez, por isto seja considerado por Whitehand (Oliveira, 2017) como *unfinished business*.

Considerações finais

O objetivo desses estudos buscou aprimorar o conhecimento sobre os conceitos inconclusos da Morfologia Urbana para aplicá-los aos contextos brasileiros. Uma segunda intenção foi auxiliar os alunos em suas teses e dissertações a identificar as noções mais factíveis para serem utilizadas e desenvolvidas em seus estudos. Havia também a necessidade de desenvolver e supervisionar a pesquisa, o que permitia aos professores disseminar os resultados e aplicá-los em estudos posteriores. Os membros do Laboratório de Paisagem acreditam que o conhecimento é melhor adquirido quando compartilhado entre os seus componentes. Seminários e práticas de estratégia foram, portanto, conduzidos para alcançar esses

objetivos, uma vez que no seu início, havia um sentimento geral de que o grupo não havia compreendido os conceitos inacabados. No entanto, com o tempo, tornou-se claro que os autores e seus discípulos também não eram tão definitivos ou certos de que essas ideias estavam ocupando um ambiente em evolução. Além disso, para analisar transformações e fatos, é preciso examinar e usar o argumento contextual, que inevitavelmente incorpora interpretações e visões pessoais. Assim, os lugares que um pesquisador analisa no Brasil manifestarão características diferentes daquelas da Itália ou da Inglaterra, não só pelo contexto ambiental, mas também pelos pressupostos culturais intervenientes.

Em relação ao estudo de tipo territorial (*tipo territoriale*), a história de ocupação do local deve ser estabelecida e as restrições de paisagem desenhadas e indicadas em um mapa. A identificação de características geográficas, formas de relevo, bacias hidrográficas, rotas, áreas construídas, polos e nós, permite ainda a compreensão da lógica estruturante da ocupação e uso do solo e seus tipos básicos edificados.

Outra constatação importante é que, para definir unidades de planejamento, ou ordens geográficas, ou regiões morfogenéticas (*morphogenetic regions*), é imperativo desenvolver uma análise morfológica completa das cidades pesquisadas. Sem um conhecimento sólido da evolução de tais cidades torna-se uma tarefa impossível delimitar os períodos morfológicos e, conseqüentemente, identificar as unidades de planejamento e suas respectivas ordens geográficas. Em conclusão, tais considerações podem garantir melhor execução do projeto e podem ser de uso proveitoso quando aplicadas ao contexto brasileiro.

Agradecimentos

Os autores reconhecem o apoio recebido da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Superior (CAPES) e PROAP/CAPES-PACPS-UFMG para desenvolver esta pesquisa e apresentar este artigo.

Notas

¹ Este artigo foi submetido originalmente até o prazo de 20 de julho de 2019 ao PNUM 2019 Maringá. A seleção dos artigos foi feita pelos editores desta seção temática entre 24 de agosto e 29 de outubro de 2019. As versões revisadas foram enviadas até o dia 10 de dezembro de 2019.

² Morfotipo: A menor célula urbana que adquire um caráter distinto da sua vizinhança devido a sua característica peculiar ou de elementos morfológicos constituintes. É formada por tipos edifícios predeterminados.

Referências

- Baker, N. J. & Slater, T. R. (1992) Morphological Regions in English Medieval Towns. Em: Whitehand, J. W. R.; Larkan P.J.; (ed.) *Urban Landscapes- International Perspectives*. London, Routledge, Taylor & Francis Group, pp.23- 68.
- Caniggia, G. & Maffei, G. L. (2001) *Architectural composition and building typology: Interpreting Basic Building*. (vol. 176), Florence, Alinea Editrice srl.
- Cataldi, G. (ed.) (2012) *Saverio Muratori Architetto. Modena 1910-Roma1973 a cento anni dalla nascita*. Em: Proceedings of itinerant conference. Florença, Aión Edizioni.
- Cataldi, G. (2003) From Muratori to Caniggia: the origins and development of the Italian School of design typology. *Urban Morphology*, 7 (1), 26-26.
- Cataldi, G., Maffei, G. L. & Vaccaro, P. (2002) Saverio Muratori and the Italian school of planning typology. *Urban Morphology*. 6 (1), 3-14.
- Conzen, M. P. (2004) *Thinking About Urban Form: Papers on Urban Morphology, 1932–1998*. New York, Peter Lang Publishing Inc.
- Conzen, M. R. G. (2004) Morphogenesis and Structure of the Historical Townscape in Britain. Em: Conzen, M. P. (ed.) *Thinking About Urban Form: Papers on Urban Morphology, 1932-1998* New York: Peter Lang Publishing Inc. pp. 60-78.
- Conzen, M. R. G. (2004) Glossary of Technical Terms. Em: Conzen M. P (ed.) *Thinking About Urban Form: Papers on Urban Morphology, 1932-1998*. New York: Peter Lang Publishing Inc, pp. 239-262.
- Conzen, M, R, G. (1962). The plan analysis of an English City Centre. Em: Knut, N. *Proceedings of the International Union Symposium in Urban Geography*, Lund, Sweden: C.W. Glerup, LUND Studies in Geography, pp. 383-414
- Conzen, M. R. G. (1960) Alnwick, Northumberland: a study in town plan analysis. *Institute of British Geographers*. 33 (6), 859 – 864.
- Gauthier P. (2005) Conceptualizing the social construction of urban and architectural form through the typological process. *Urban Morphology*. 9 (2), 83-93.
- Giannini, A. (1984) *Il progetto complementare (la valutazione di impatto ambientale)*. Corso di Pianificazione Territoriale Urbanistica, Università di Genova.
- Gu, K. (2019) Urban Morphological Regions: Development of an Idea. Em: Oliveira, V. (ed.) *J.W.R. Whitehand and the Historico-Geographical Approach to Urban Morphology*. Springer Nature Switzerland, Cham. pp. 33-46.
- Lombardini, G. (2017). L'ambiente come storia: una rilettura dell'ultimo Muratori. *Scienze del Territorio*. (5), 227-232.
- Marzot, N. (2015). Studies for an anthropology of the territory. New achievements from Saverio Muratori's archive. Em: Strappa, G., Amato, A.R.D., Camporeale, A. (eds.) *City as Organism. New visions for urban life: Proceedings of the International Seminar on Urban Form*, ISUF 2015, Vol 1, 22-26 September 2015, Rome, Italy, pp. 43-53.
- Muratori, S. (1967) *Civiltà e território*. Roma: Centro studi di storia urbanística.
- Oliveira, V. (2017). An Interview with Professor JWR Whitehand. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j8ss-axGn4Y>. [Consultado em : 30 de dezembro de 2019].
- Panerai, P. (1988), L 'Etude Pratique des Plans des Villes. *Villes en Parallèle*. 12 (1), 100-109.
- Pereira, S. A. C., Gimmler, M. M N. & Safe, S. (2018). Aplicações de conceitos da Escola Italiana de Morfologia Urbana em cida-des brasileiras planejadas e muli diferenciadas. Em: Oliveira, V. (coord.) *Diferentes Abordagens em Morfologia Urbana. Contributos luso-brasileiros*. Disponível em: <https://vitoroliveira.fe.up.pt/uf-ebooks>. [Consultado em : 30 de dezembro de 2019].
- Pereira, R. B. (2012) Tipologia arquitetônica e morfologia urbana. Uma abordagem histórica de conceitos e métodos. *Vitruvius*, Arquitectos. ano 13, 146.04 Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.146/4421>. [Consultado em : 30 de dezembro de 2019].
- Scheer, B. C. (2015) The epistemology of urban morphology. *Urban Morphology*. 20 (1), 5-17.
- Tagliacuzzi, S. (2015) *Studi per una operanti storia de territorio I libro incompiuto di Saveio*

Muratori. Tese de Doutorado não publicada. Universidade de Bolonha, Itália.

Teixeira, M. C. V., Pereira, A. B. M., Medeiros, M. B.; Ferraz & A. M. T. C. (2018). Bento Rodrigues: uma nova paisagem? Em: *Anais Encontro Nacional De Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil*, 2018, 2-6 outubro. Santa Maria, Cachoeira do Sul, UFSM-CS, pp. 1467-1475.

Whitehand, J. W. R. (ed.) (1981). *The urban landscape: historical development and Management*. Papers by M. R. G. Conzen. Birmingham, Academic Press, pp. 56-74.

Whitehand, J. W. R. (2009) The structure of urban landscapes: strengthening research and practice. *Urban Morphology*. 13 (1), 27.

Tradução do título, resumo e palavras-chave

An investigation on territorial types and morphogenetic regions: benefits and limitations

Abstract. This paper presents the results collected in the development of research entitled *Territories and Frontiers: the inconclusive concepts in the schools of Urban Morphology*, carried out in the Landscape Laboratory at the Federal University of Minas Gerais (UFMG). The research has arisen from the realisation that the English School's approaches to urban morphology, concerning morphogenetic regions and their scales of action, have led to reduced publications on practical studies and applications. Moreover, aspects related to types and territorial types, all integral to the concepts of the Italian School, have been the object of different interpretations in several Brazilian studies in contravention to those advocated by the founders. The research, conducted through a study group, seeks to assess the cause of this fragility and the lacunae in the concepts so that these European approaches may be consolidated and better applied to the Brazilian context. In addition, the research aims to present comparisons between the morphogenetic regions, derived from the English school, and those territorial types drawn from the Italian approach. Finally, the main objective has then been to find a common denominator which can be applied to scales of landscape and provide the know-how to analyse and synthesise the attributes of the two schools.

Keywords. research, inconclusive concepts, urban morphology schools, landscape laboratory.

Editores responsáveis pela submissão: Karin Schwabe Meneguetti, Renato Leão Rego e Gislaïne Elizete Beloto.

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

